

## A Espiritualidade como Componente Pedagógico da Educação para a Paz: Reflexões e Possibilidades

Nei Alberto Salles Filho<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo traz a reflexão sobre a espiritualidade no contexto da Educação para a Paz, pensando sua articulação junto à perspectiva pedagógica na escola. A análise parte do estudo da Educação para a Paz como dimensão pedagógica do movimento de Cultura de Paz e, ao mesmo tempo, sendo constituída por cinco pedagogias interconectadas: Pedagogia dos Valores Humanos, Pedagogia dos Direitos Humanos, Pedagogia do Conflito, Pedagogia da Ecoformação e Pedagogia das Vivências/Convivências (SALLES FILHO, 2016). Deste quadro, a Pedagogia da Ecoformação, como dimensão mais sensível dentre as cinco pedagogias da Paz, seria o espaço adequado para a construção de alternativas pedagógicas importantes na articulação entre espiritualidade e paz. Neste contexto, pensando pedagogicamente, a Educação para a Paz acolhe a reflexão sobre a espiritualidade dentro da Pedagogia da Ecoformação, devidamente relacionada com as demais pedagogias da paz que enfatizam valores humanos, direitos humanos, conflitologia e as vivências/convivências.

**Palavras-chave:** Cultura de Paz; Educação para a Paz, Espiritualidade.

### Abstract

This article brings a reflexion about spirituality in the Education for Peace context, considering its expression with the pedagogical perspective in a school environment. The analysis is based on the study of Education for Peace as a pedagogical dimension of the Culture of Peace movement and, at the same time, it's constituted by five interconnected pedagogies: Pedagogy of Human Value, pedagogy of Human Rights, Pedagogy of "Ecoformation" and Pedagogy of Living/Connecting (SALLES FILHO, 2016). In this scenario, the Pedagogy of "Ecoformation" as a more sensitive dimension amongst the five Peace pedagogies, would be the ideal space for the construction of important alternative pedagogies within the expression of spirituality and peace. In this context, thinking in a pedagogical way, the Education for Peace welcomes the reflection about spirituality within the Pedagogy of "Ecoformation", duly connected with the remaining Peace pedagogies that emphasize human values, human rights, study of conflict and the living/connecting experiences.

**Keywords:** Culture of Peace; Education for Peace, Spirituality.

<sup>1</sup> Docente na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre e Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas (Mestrado/Doutorado) e na graduação em Educação Física. Coordenador do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências (NEP/UEPG) Email: nsalles@uepg.br

## Introdução

### **Cultura de Paz e Educação para a Paz: distinções e complementaridade**

Reconhecendo a profundidade dos conceitos sobre a paz optamos, neste texto, em objetivar alguns entendimentos iniciais, para não perder de vista nosso argumento específico. Assim, tomamos a Cultura de Paz numa dimensão ampliada, no sentido da formação/criação de vivências e convivências não violentas permeadas por valores individuais (respeito, tolerância, amor, entre tantos) por um lado e por valores sociais (democracia, cidadania, direitos humanos) de outro lado. Assim, a Cultura de Paz compreende um amplo espectro de conquistas sociais e avanços humanos que fariam o contraponto à uma cultura de violência, marcada não só por violência direta, mas também pelas violências estruturais.

Ao mesmo tempo é importante reconhecer que paz e violência coexistem historicamente, relacionadas aos conflitos entre pessoas, grupos, sociedades e nações. Portanto os conflitos, como elementos necessários e inevitáveis da vida, sempre colocam em evidência as relações entre a paz, como a condição positiva para a humanidade e a violência, como todas as formas de destruição das boas condições individuais e sociais do ser humano.

Assim, reconhecemos que violência, paz e conflitos estão no cenário da humanidade e dos indivíduos e que, atuar sobre estas questões não pode se dar pelo mero “acaso” ou pelo senso comum das relações. Desta forma, entendemos a Educação para a Paz como uma perspectiva pedagógica de experiências/conhecimentos que, para aproximar-se da ideia de Cultura de Paz, nutre-se de campos integrados e complementares (valores humanos, direitos humanos, conflitolgia, ecoformação e vivências/convivências humanas) que pretendem redimensionar as ações humanas e as práticas educacionais, reconhecendo a complexidade da vida e das relações.

## As cinco pedagogias da Paz

Em nossa pesquisa anterior<sup>1</sup> discutimos a Educação para a Paz como a dimensão pedagógica para uma Cultura de Paz a partir do pensamento complexo de Edgar Morin. Considerando a perspectiva da complexidade, que toma como noção fundamental “distinguir para depois unir”, fizemos um movimento teórico de encontrar as principais vertentes que dialogam com as questões da paz e da Cultura de Paz na educação. Neste movimento, surgiram cinco grandes campos com potenciais variados de aproximação às perspectivas da Cultura de Paz. Denominamos estes campos de as “cinco pedagogias da paz”, sempre esclarecendo que devem ser observados de forma interligada e complementar, mesmo considerando suas especificidades.

Para esclarecer sobre as “cinco pedagogias da paz” iniciamos com a Pedagogia dos Valores Humanos como área umbilicalmente ligada à noção de paz. Valores humanos considerados positivos, como altruísmo, generosidade, respeito, humildade, tolerância entre tantos, são fundamentais para a criação de uma Cultura de Paz. Porém, sem a reflexão destes, em face aos valores contrários, dentro de uma visão crítica das possibilidades e limites em relação aos duros cenários de exclusão, desigualdades e violência do século XXI, corre-se o risco de soar como um discurso ingênuo e frágil.

Para potencializar a perspectiva dos valores humanos, na sequência vislumbramos a Pedagogia dos Direitos Humanos, que traz este conjunto de valores humanos positivos e ampliados, traduzidos nas conquistas sociais de longo prazo, constituindo-se em direitos. Logo, se temos um conjunto de valores que consideramos importantes para pessoas ou povos, buscamos seu estatuto como componente dos direitos humanos. Fortalecer o entendimento dos direitos humanos como aspecto fundamental da sociedade do século XXI, diante de tantos desafios da humanidade, é tarefa da Pedagogia dos Direitos Humanos.

---

<sup>1</sup>SALLES FILHO, Nei Alberto. “Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin”. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2016. Esta tese discutiu a complementaridade entre a Cultura de Paz e Educação para a Paz, procurando sistematizar um modelo de análise para a discussão pedagógica sobre a relação complexa da paz com a violência e os conflitos.

Necessariamente, os valores transformados em direitos não possuem garantia eterna, correndo o risco de ser atacados, enfraquecidos ou ainda, utilizados como forma de dominação. Por isso, a Pedagogia da Conflitologia surge como um elemento privilegiado no contexto da Educação para a Paz. Estudar os conflitos em seus diferentes contextos, com sua história, seus agentes e seus demais elementos constitutivos, permite uma compreensão das mudanças na sociedade e de quais ações humanas permitem a garantia de valores e direitos que possam afirmar a Cultura de Paz como superação da cultura de violência, embora ambas coexistam e necessitem de processos de mediação. Entender os conflitos como elementos essenciais para o desenvolvimento humano e social, requer igualmente reconhecer que precisamos reformar nosso entendimento sobre a vida e as relações humanas. Neste espaço surge a Pedagogia da Ecoformação, que dimensionará a sustentabilidade como um conceito de vida que tende à cooperação, diferente no modelo de competição ainda vigente e em franco esgotamento junto com o planeta e com a própria vida no século XXI. Aqui é que inserimos a reflexão e análise sobre a espiritualidade como elemento educacional na proposta de uma Educação para a Paz, na intenção de construir argumentos que busquem a transcendência das formas de sentir, pensar e agir do ser humano.

Finalmente como elemento pedagógico articulador, uma vez que entendemos a Educação para a Paz como um tema transversal na educação, temos a Pedagogia das Vivências/Convivências, que reunirá estratégias didáticas integrativas às demais pedagogia da paz, utilizando recursos da corporeidade, ludicidade e cooperação para intercambiar os conhecimentos relativos aos valores humanos, direitos humanos, conflitologia e ecoformação. Esta pedagogia não é a “prática” da Educação para a Paz, mas sim, um elemento articulador da complexidade da percepção da paz e da Cultura de Paz.

## **A Pedagogia da Ecoformação**

Numa visão inicial, porém ampliada, consideramos a sustentabilidade como forma de aproximação de uma ecoformação e contribuição para vislumbrar uma Pedagogia da Ecoformação como elemento da Educação para a Paz.

Fundamentalmente precisamos reconhecer o caráter integrador entre as necessidades materiais para subsistência, entendendo que não há uma “volta aos velhos tempos” sem a tecnologia e a ciência. Ao mesmo tempo é possível ressignificar e revalorizar muitos elementos naturais da relação indivíduo/sociedade/espécie e, ao mesmo tempo, recompor necessidades simbólicas de humanização pelas dimensões emocional, espiritual e de transcendência. Isso é bem colocado por Loureiro (2012, p. 56):

Assim, fazem parte dessa subsistência (garantindo a existência biológica); proteção; afeto; criação; produção; reprodução biológica; participação na vida social; identidade e liberdade. Portanto, sustentável não é o processo que apenas se preocupa com uma das duas dimensões, mas que precisa contemplar ambas, o que é um enorme desafio diante de uma sociedade que prima pelos interesses econômicos acima dos demais.

Com base nesta definição, projetamos uma Pedagogia da Ecoformação como espaço de encontro de algumas dimensões fundamentais no processo de entendimento da paz, mas que muitas vezes são difíceis de articular ao contexto acadêmico e científico. Como dimensão simbólica dessa necessidade de humanização citada por Loureiro (2012), incluímos a questão da espiritualidade. Justificamos que inúmeras manifestações relacionadas à paz, estão atreladas às questões da religião e espiritualidade. Mesmo reconhecendo que tais temas são complexos na discussão da educação, acreditamos que haja sentido em falar da espiritualidade como o conjunto de ideias ou crenças positivas, que visam valores construídos para melhorar a vida e o mundo, logo, na dimensão simbólica que envolve tanto a ecoformação como a Cultura de Paz.

Estas questões ganham consistência com os estudos de La Torre, Moraes e Pujol (2008, p.43) que explicitam que:

A Ecoformação é uma maneira de buscar o crescimento interior a partir da interação multissensorial com o meio humano e natural, de forma harmônica, integradora e axiológica. Buscando ir além do individualismo, do cognitivismo e utilitarismo do conhecimento. Partindo do respeito à natureza (ecologia), levando os outros em consideração (alteridade) e transcendendo a realidade sensível.

Portanto, a ecoformação é uma dimensão que visa transcender a dicotomia ser humano/natureza causadora de tantos problemas humanos e ambientais frutos desta relação. Esta é a proposição de TuvillaRayo (2004, p.145) ao entender que é

necessário “ecopacificar a sociedade, promovendo uma mudança renovadora nos comportamentos da família, da comunidade e da escola”. Ampliando esta perspectiva, afirma Suanno(2014, p.211) que a ecoformação é “uma Educação Ambiental, também atenta aos direitos humanos e à paz”. Neste caminho, da relação entre vida/natureza/humanidade é que verificaremos a discussão da espiritualidade como princípio da educação.

## **A Espiritualidade no contexto da Pedagogia da Ecoformação**

Antes de tudo é importante alertar que, falar da espiritualidade na relação com a Educação para a Paz é trazer à luz uma discussão mal encaminhada na educação, que confunde a paz como apelo apenas do religioso, logo, esvaziando uma discussão pedagógica importante e rica para o contexto educacional. A Educação para a Paz, longe de ser sinônimo de uma determinada forma religiosa, também não desconsidera os aspectos contributivos à perspectiva de paz embutidas nas diferenças crenças religiosas. Porém, a questão chave para nossa análise é como estas questões são tratadas no cotidiano e na vida das pessoas, para pensá-las na educação. Sobre isso, a intervenção de Yus (2002, p.112) é fundamental:

Além da crescente diversidade de tradições religiosas estabelecidas nos países ocidentais, derivada do aumento da imigração, muitos cidadãos do ocidente buscam a espiritualidade fora dessas religiões, seja de maneira individual ou, menos comum, em grupos não-dominantes emergentes. Finalmente, pelo menos alguns dos que falam sobre espiritualidade pensam nesse conceito em um sentido mais metafórico do que deísta; eles não acreditam na realidade de um Deus ou de um reino espiritual, entretanto, usam a palavra para se referir, simbolicamente, aos valores humanos, tais como a paz, a justiça, o amor e a compaixão.

Seguimos com esta abordagem, onde a espiritualidade é concebida a partir das relações humanas bem-intencionadas, onde basicamente os princípios da não-violência estão colocados e um ideal de mundo melhor, pleno e justo como uma motivação implícita. A Pedagogia da Ecoformação vai entender a espiritualidade em práticas de diferentes culturas, valorizando-as como expressão humana. No paradigma da complexidade temos mitos, teorias, ideias e emoções como elementos de conexão na medida em que compõe a vida e as relações. Portanto, não podemos

aceitar a Educação para a Paz com ênfase numa “religião” específica, carregada de verdades e fundamentos excludentes e preconceituosos. A espiritualidade nesse sentido aproxima-se da concepção evidenciada por Yus (2002, p.113):

[...] uma visão espiritual do mundo é um paradigma global: enfatiza as conexões humanas entre as pessoas por meio das fronteiras políticas; é por isso que as conexões se mantêm em oposição a essa obsessão pela cultura do sucesso econômico nacional. É um paradigma ideológico, que enfatiza nossas conexões com todo tipo de vida e se opõe ao antropocentrismo destrutivo e ao materialismo da cultura ocidental moderna. Por último, uma visão espiritual do mundo é uma reverência à vida, uma atitude de respeito e de reverência ante a transcendência da Origem de nossa existência.

Podemos dizer que a espiritualidade, por este viés, é a chave para dimensionar os processos de paz e entender a Educação para a Paz, pois nessa perspectiva de um mundo inter-multi-religioso há a necessidade inevitável de buscar a tolerância, que permitirá a cooperação mútua das religiões, quaisquer que sejam as diferenças. Duas questões são claras nesse caminho: a primeira é que as religiões (aqui a espiritualidade!), em tese, buscam o bem e a paz. Por outro lado, muitas vezes, são elas mesmas a causa das maiores e piores violências. Nisto, reside uma primeira questão provocativa para a Educação para a Paz, que é o entendimento mais profundo da estrutura de valores humanos com as perspectivas de mundo, que fundamentam visões opostas, apoiadas em crenças religiosas. Uma segunda provocação é que a intenção da espiritualidade, como vimos, pode alimentar a subjetividade que faz o ser humano sensibilizar-se aos problemas e mazelas da vida e do planeta, construindo uma visão que repudia as diversas violências humanas, fugindo do esteriótipo da “paz” das palavras bonitas e discursos vazios de significado.

Neste sentido, uma justificativa para a relação da ecoformação com a espiritualidade, pelo viés educacional e dimensão da vida por um lado e, de outro, como conexão com a totalidade do ser, é apresentada por Hathaway e Boff (2012) quando dizem que o ser humano tem a capacidade de encontrar as profundezas de si mesmo na relação entre as coisas e seu simbolismo, transcendendo apenas a sensação. Estes autores falam, e isto é fundamental na articulação com a Pedagogia da Ecoformação que, há dentro dos seres humanos “dimensões montanhosas, vegetais, animais, humanas e divinas. A espiritualidade não significa conhecer isso

de maneira intelectual, mas vivenciar e tornar isso à realidade de nossas experiências” (HATHAWAY; BOFF, 2012, p.427). Ainda para os autores, a espiritualidade, por ser experiencial e não doutrinária, permite ao ser humano experimentar sua profundidade, sempre atento a si mesmo e suas relações, significando melhores percepções sobre compaixão e harmonia. Desta forma, a experiência divina, como experiência em si mesma e não como doutrina, liga-se fortemente com os valores de serenidade e de paz, pois estaria a serviço do amor, como cuidado essencial com a vida, o mundo e nas experiências cotidianas.

Alguns aspectos da espiritualidade como possibilidade pedagógica, dentro do entendimento que temos da Pedagogia da Ecoformação, podem ser delineados a partir de Hathaway e Boff (2012) nas seguintes premissas: a espiritualidade pode estar presente na arrumação da casa, no trânsito, nas amizades, na família e no trabalho, a partir de nossas simples ações positivas e não violentas em pensamentos, ações e gestos. Além disso, pesquisas atuais das neurociências demonstram que pessoas apoiadas em estados místicos possuem maior excitação nos lóbulos frontais do cérebro, ligados ao centro das emoções e valores, que para Hathaway e Boff (2012, p.428) sugere “indicar que estimulação do “ponto de Deus” não está ligada a uma ideia ou pensamento, mas a fatores emocionais e experienciais; ou seja, a uma espiritualidade viva”. Para os autores, é fundamental reiterar a espiritualidade como uma dimensão central às nossas vidas com a valorização de todas as formas vivas, pois ela contribui para enfrentar a lógica do egoísmo, abrindo caminho para a coexistência, a cordialidade e nossa reverência à diferença como diferentes realidades de Deus. Finalmente, integrar uma inteligência espiritual com as outras inteligências permite, de acordo com os autores, a abertura a uma experiência da espiritualidade que transcende doutrinas religiosas, mas que tem como base a própria intenção do *religare* (religação).

Como vemos a partir das questões levantadas, a espiritualidade pode ser bem distinguida da religiosidade, embora pareçam a mesma coisa. Isso dá abertura para entender a espiritualidade como componente pedagógico, processual e adequado para a reflexão das relações sobre vida, natureza, comunidade e humanidade. A espiritualidade no processo de Educação para a Paz, redimensionada para além dos valores universais que na grande parte das vezes fica tão distante das ações



cotidianas, quando colocada num processo de reflexão sobre o futuro da vida e do planeta, num processo de cidadania planetária, ganha contornos educacionais.

## **A Espiritualidade no caminho pedagógico**

A partir da discussão encaminhada neste texto, partimos para observar alguns desdobramentos da espiritualidade como possibilidade educacional. São percepções apoiadas nos estudos de Johnson (1999 *apud* YUS2002). Destes estudos, a espiritualidade pode ser percebida nas seguintes dimensões:

A “espiritualidade como religião”, que insiste no fato de que a pesquisa da espiritualidade é mais válida dentro das tradições religiosas comuns e históricas. Neste caso temos uma concepção de espiritualidade como forma de “dar sentido” aos diferentes discursos religiosos. Se entendermos pelo princípio da tolerância à diversidade, existe uma abertura muito rica no sentido pedagógico, através do conhecimento histórico e do desenvolvimento das religiões, bem como reconhecer nelas muitas bases nas quais sociedades foram formadas. No contexto da Educação para a Paz, a espiritualidade como religião importa em considerar a aproximação dos aspectos positivos das diferentes perspectivas religiosas e como elas colaboram para a não-violência. Trata-se de um aspecto importante do movimento de Cultura de Paz.

Em seguida temos a “espiritualidade como auto-reflexão”, que observa fundamentalmente a habilidade de olhar para si mesmo e refletir sobre a vida. Este pode ser considerado um aspecto prático da espiritualidade, em oposição à dimensão religiosa, pois trata-se de o indivíduo olhar para si mesmo, em suas ações da vida pessoal e social, procurando perceber seus avanços e limites dentro das questões cotidianas. No contexto da Educação para a Paz, a espiritualidade como auto-reflexão compreende uma análise do sujeito em relação às suas percepções sobre os conflitos nos quais está envolvido, bem como sua forma de ação, que tende à violência ou a paz.

Outra forma de entendimento é a “espiritualidade como conhecimento místico”, que vai situar a auto-reflexão (da perspectiva anterior) no contexto de um “Eu maior”, entendido como o campo de todo o ser, com as práticas meditativas

sendo valorizadas como caminho. Esta perspectiva dita mística, amplia a auto-reflexão e a conecta num cenário ampliado e que busca transcender o individual, relacionando o ser humano ao universo, à cidadania planetária e à consciência cósmica. No contexto da Educação para a Paz essa forma é muito importante para descolar o indivíduo da perspectiva material, de consumo e de competição, para colocá-lo na ótica da transcendência.

A “espiritualidade como emoção” é outro desdobramento importante ao pensar pedagogicamente a relação com a Educação para a Paz. Ao contrário da visão mística, mais interessada num “mundo invisível”, a espiritualidade como emoção enfatiza o cérebro e ressalta a base emocional de todo o pensamento. Podemos dizer que esta é a forma mais simples, embora com possibilidade abrangente na vida cotidiana. Seria a perspectiva do pensamento positivo e da programação mental/inteligência emocional como elemento importante da Educação para a Paz. A espiritualidade é percebida como dimensão consciente e passível de ser alinhada com o desenvolvimento psicológico.

Outra maneira pedagógica de entendimento é a “espiritualidade como moralidade”, que surge quando princípios, ideias, regras e emoções, combinam-se em valorização de uma “vida moral”. No contexto da Educação para a Paz este pensamento é importante para distinguir diferentes formas de moralidade e como elas podem ser fonte de conflitos e violência. Aqui, os conceitos de paz e violência novamente podem ser bem refletidos à luz de culturas diversas e suas regras morais.

A “espiritualidade como ecologia” é o que Yus (2002) vai chamar de “interconexão holística dos sistemas vivos”, surgindo daí a abordagem da espiritualidade muito relacionada à noção de ecoformação. A interconexão de sistemas vivos mostra a complexidade da vida e suas relações, tendo a Terra como casa comum de incontáveis formas de existência, bem como pensar na sustentabilidade delas. Pensando na Educação para a Paz é a própria perspectiva de “ecopacificar” a humanidade.

Finalmente, a “espiritualidade como criatividade” traz a ideia da interação entre a natureza da divindade e do Universo como sendo a mesma, em sua maior parte simbolizada pela ideia de criatividade, expressa na reflexão de Jonhson (1999) apresentada por Yus (2002, p.125-126):

[...] se existe uma metáfora central para todas essas categorias de espiritualidade, ela é a das *conexões*. Cada forma de conhecimento sobre a espiritualidade e sobre a educação enfatiza diferentes tipos de conexões, com o próprio eu, com os demais, com o mundo, com a natureza, com o conhecimento, com o divino, com as religiões, com as emoções, com o corpo, com a imaginação e com os processos criativos. Também existem conexões entre as diferentes perspectivas. Desse modo, o autor enfatiza que a espiritualidade é um tema educativo que se encaixa bem em uma escola leiga, de modo que todos os educadores que hoje estão ajudando seus alunos a encontrar conexões significativas em suas vidas [...]

Como vemos, a espiritualidade tem dimensões pedagógicas possíveis, viáveis e interessantes quando pensadas além das questões religiosas. A busca de conexões, conforme foi dito, é uma das tarefas fundamentais da educação. Por isso, a espiritualidade é um canal de abertura para várias delas, sobretudo quando estas conexões estão relacionadas à transcendência de formas e modelos e perceber, ver e ser no mundo. Este transcender, para nós, é a mediação entre uma cultura de violência e uma Cultura de Paz.

## **Por uma perspectiva complexa e integrada**

Vimos que a Educação para a Paz é o caminho pedagógico para a Cultura de Paz. Acompanhamos que a Educação para a Paz pode ser melhor entendida através de cinco pedagogias: Pedagogia do Valores Humanos, Pedagogia dos Direitos Humanos, Pedagogia da Conflitologia, Pedagogia da Ecoformação e Pedagogia das Vivências/Convivências (SALLES FILHO, 2016). Percebemos que a Pedagogia da Ecoformação tem uma relação muito interessante com a busca da humanização/cidadania planetária como estado de harmonia e equilíbrio a partir dos conflitos entre os seres humanos e destes com o planeta. A ecoformação prevê a religação entre indivíduo-natureza, devidamente situado (corpo/mente/espírito) em nosso tempo de contradições e esgotamento de um modelo que exaltou a cientificidade e ignorou a humanidade. Modelo que pretendeu dominar a natureza mais longínqua e hostil, mas que, neste caminho, esqueceu-se de olhar para o ser humano como parte do universo, como parte da vida pela qual lutou tanto para preservar. Uma contradição de nosso tempo!

Como sugerem Hathaway e Boff (2012), e tomamos como proximidade da ecoformação: grande parte das tradições espirituais e religiosas possuem argumentos que levam à possibilidade de uma cultura ecológica quando falam que a vida é sagrada, que o amor é fundamental para a humanidade, que a cooperação, a solidariedade e atenção com os menos favorecidos é fundamental no caminho de justiça e da paz, além da forma simples de viver a vida e controlar nossos instintos violentos, ou seja, a espiritualidade como um traço importante para a preservação da vida e do planeta.

Neste caminho, os autores citam exemplos apoiados nestas ideias, como as tradições indígenas que ressaltam o respeito à Mãe Terra e à todas as formas de vida, a tradição hindu que diz que o ser humano é uma célula no corpo divino, o taoísmo que indica o equilíbrio e harmonia com a totalidade do universo, a tradição budista fundada na compaixão por tudo e todos que sofrem de alguma forma, a tradição judaica que conta do descanso no sétimo dia, da preservação dos ciclos da natureza e da criação dos seres vivos pela mistura da “respiração/sopro divino com a terra viva” e, a tradição islâmica que em sua criação reverencia a Terra em sua conexão fundamental, pois as cinco vezes que rezam ao dia ficam ajoelhados com a cabeça apoiada no solo (HATHAWAY; BOFF, 2015).

Estas questões, que remetem às diversas tradições religiosas parecem apontar um mesmo núcleo comum, gerador e regenerador da dimensão ecológica da essência humana, mesmo que sejam muito diferentes nas suas concepções e histórias. Porém, na perspectiva da ecoformação, esta diversidade é rica e estruturante da noção de espiritualidade, pois é a declaração das diferentes formas de conceber a relação ser humano, mundo e transcendência como elementos que contribuem com um paradigma de Cultura de Paz. Aqui a espiritualidade compõe uma proposta de Educação para a Paz, à luz do pensamento complexo.

## Referências

HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. **O Tao da libertação**: explorando a ecologia e a transformação. Tradução de Alex Guilherme. Petrópolis: Vozes, 2012.

LA TORRE, Saturnino; MORAES, Maria Cândida; PUJOL, Maria. **Transdisciplinaridade e Ecoformação**: um novo olhar sobre a educação. Tradução de Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Sustentabilidade e Educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e Educação para a Paz**: olhares a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

SUANNO, João Henrique. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão no século XXI. In: MORAES, M.C; SUANNO, J.H (orgs.) **Ecoformação, Transdisciplinaridade e Criatividade**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

TUVILLA RAYO, Jose. **Educação em Direitos Humanos**: rumo a uma perspectiva global. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2004.

YUS, Rafael. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.